

SPATIAL AND ORGANIZATIONAL DYNAMICS

DISCUSSION PAPERS

Nº2

QUARTERLY EDITION, DECEMBER 2009

The Management of Contemporary Cultural Landscapes in Linear Infrastructure Projects
A Gestão de Paisagens Culturais Contemporâneas em Projectos de Infra-estrutura Linear

Gestão Operacional do Serviço a Clientes
Operational Management of Customer Service

Informação Crítica como Factor de Sucesso nas Organizações: Objectivo e Metodologia de Abordagem
Critical Information as a Success Factor in Organizations: Objective and Methodological Approach

O Contexto do Património Arquitectónico: Um Projecto de Investigação
The Setting of Architectural Heritage: A Research Project

DISCUSSION PAPERS N° 2: SPATIAL AND ORGANIZATIONAL DYNAMICS

Texts by:

Elena Bertè

Maria Helena de Almeida

Luís Miguel Faísca

Saul Neves de Jesus

Sílvia Fernandes

Catarina Marado

Luis Miguel Correia

December 2009

University of Algarve

TECHNICAL INFORMATION

Title - Discussion Papers N°2: Spatial and Organizational Dynamics
Authors - Several

Edition:

University of Algarve (www.ualg.pt)
CIEO – Research Center for Spatial and Organizational Dynamics
(Centro de Investigação sobre o Espaço e as Organizações)
Campus de Gambelas, Faculdade de Economia, Edifício 9
8005-139, Faro
cieo@ualg.pt
www.cieo.ualg.pt

Editorial Board:

Ana Paula Barreira
António Alhinho Covas
Maria Teresa Noronha
Thomas Panagopoulos

Page Layout:

Marlene Fernandes

Design and Cover Concept:

Helder Rodrigues
Hugo Pinto

Edition N° 2

ISSN: 1647-3183

Quarterly Edition

Faro, December 2009

TABLE OF CONTENTS

Authors Presentation	5
The Management of Contemporary Cultural Landscapes in Linear Infrastructure Projects <i>Elena Bertè</i>	7
1. Cultural Landscapes: The Role of Linear Infrastructures	8
2. Managing Contemporary Cultural Landscapes	10
3. Criteria and Indicators for the Interpretation of Cultural Landscape Dynamics	13
4. Cultural Landscape Dynamics Interpretative Model	19
5. Application of the Model to Three Case Studies	27
6. Results From the Case Studies	33
7. Conclusions: Aims Reached and Improvements	40
Gestão Operacional do Serviço a Clientes <i>Maria Helena de Almeida</i>	43
1. Introdução	44
2. Problematização, Objectivo e Hipóteses de Investigação	46
3. Metodologia	51
4. Apresentação dos Resultados	56
5. Discussão	64
6. Conclusões	65
Informação Crítica como Factor de Sucesso nas Organizações: Objectivo e Metodologia de Abordagem <i>Silvia Fernandes</i>	70
1. Introdução	71
2. Potencial nos Sistemas de Informação	71
3. Implicações Críticas de Gestão	73
4. Contributo da Cultura de Criatividade	74
5. Recurso à Arquitectura e Modelação	75
6. Aplicação da Metodologia	79
7. Conclusão e Pesquisa Futura	81
O Contexto do Património Arquitectónico: Um Projecto de Investigação <i>Catarina Almeida Marado, Luís Miguel Correia</i>	84
1. O Património Arquitectónico e o seu Contexto	85
2. A Protecção do Contexto do Património Imóvel em Portugal	86
3. Uma Proposta de Investigação sobre a Protecção do Contexto do Património Arquitectónico	88
4. Notas Finais	91
Editorial Norms	93

AUTHORS PRESENTATION

Elena Bertè (elena.berte@ing.unitn.it/elenaberte@yahoo.com)

Elena Bertè received a degree in Architecture from the University of Ferrara (IT, 2002) and holds a postgraduate certificate in European Spatial Planning from the University of Newcastle (UK, 2006). She obtained a PhD in Environmental Engineering, curriculum in Land Planning for Sustainable Development, from the University of Trento (Italy) in March 2009. She is interested in projects which develop contemporary landscape dynamics under a durable-innovative perspective.

Maria Helena de Almeida (halmeida@ualg.pt)

Maria Helena de Almeida holds a degree in Clinical Psychology and in Social and Organizational Psychology by the Superior Institute of Psychology (ISPA). Master in Educational Psychology by the Superior School of Education at the University of Algarve and is currently a PhD student in Organizational Psychology at the same University. Professional experience in Management of the Nucleus of Teaching Training course at the Center for Professional Training for Trade and Others (CECOA) - Protocol Center of the Institute of Employment and Professional Training (I.E.F.P.) and the Portuguese Confederation of Commerce (C.P.C.) -; Human Resources Director (from about 600 active professionals) in the region of Algarve of a Portuguese Hotel Group with national and international impact. For the last 10 years she teaches at the Department of Psychology (F.C.H.S.) in the University of Algarve, where she has taught the disciplines of Psychology of Communication, Psychology of Motivation, Organizational Psychology, Human Resources Management and Strategic Management of Human Resources.

Luís Miguel Faísca (lfaisca@ualg.pt)

Luís Faísca has PhD in Cognitive Psychology (Universidade do Algarve) and is Professor of Cognitive Sciences, History of Psychology and Quantitative Methodologies at the Universidade do Algarve. He has been developing his scientific activity within the Cognitive Neuroscience Research Group and his current scientific interests are oriented towards the cognitive processes involved in reading and writing as well as implicit learning and figurative language comprehension.

Saul Neves de Jesus (snjesus@ualg.pt)

Saul de Jesus, PhD, is Full Professor at the University of Algarve, Director of the PhD Graduation in Psychology and Director of the Research Unit in Psychology. Invited Professor in some other Universities, namely in Brazil and Spain. Win several scientific prizes, was supervisor of more than forty concluded master and doctoral thesis, and member of the Editorial Board of some international scientific Journals. Published more than twenty books and more than two hundred scientific papers, and presented more than three hundred papers in national and international meetings. Had scientific interests in motivation and professional well-being.

Sílvia Fernandes (sfernan@ualg.pt)

Silvia Fernandes is an Assistant Professor in the Faculty of Economics at the University of Algarve. She holds a Ph.D. in Economics and a Master in Economics and Business Sciences. Teaches Information Technologies and Information Systems at the courses of Business Administration and Economics. She has presented papers and publications in national/international books and papers at national/international conferences in the areas of Corporate Information Systems, ERP, CRM, e-learning, geographic information systems, economics of innovation, knowledge economy and technological diffusion.

Catarina Almeida Marado (acmarado@ualg.pt)

Catarina Almeida Marado is an architect with a Diploma in Advanced Studies in Urban and Regional Planning by the *Instituto Universitario de Ciencias de la Construcción* (IUCC) of the *Escuela Técnica Superior de Arquitectura* (ETSA), University of Seville. Holds a Ph.D. in Architecture by the University of Seville (with a grant from the Calouste Gulbenkian Foundation). She is a full member of the Research Center for Spacial and Organizational Dynamics (CIEO) at the University of Algarve. She is also Invited Assistant at the Department of History, Archeology and Heritage at the Faculty of Humanities and Social Sciences at the University of Algarve and Visiting Professor in the Master course in Architecture at the Manuel Teixeira Gomes Institute. She has several publications and communications in national and international conferences in the areas of heritage and territory.

Luís Miguel Correia (lmcorreia.arq@netvisao.pt)

Luís Miguel Correia is an architect by the Department of Architecture at the Faculty of Sciences and Technology in the University of Coimbra (DARQ/FCTUC). Master in Building Sciences by the Department of Civil Engineering of the FCTUC. PhD student at DARQ/FCTUC (with PhD grant allocated by FCT). Research member at the Architecture Studies Center of DARQ/FCTUC. Member in research activities of the Nucleus for Architecture and Urban Design of the Center of Social Studies (CES/NAU). Assistant at the DARQ/FCTUC. Author and coauthor of several projects, including intervention in listed heritage in direct collaboration with IPPAR and DGEMN. He has several publications and papers presented at national and international conferences in the areas of heritage and territory.

O CONTEXTO DO PATRIMÓNIO ARQUITECTÓNICO: UM PROJECTO DE INVESTIGAÇÃO

THE SETTING OF ARCHITECTURAL HERITAGE: A RESEARCH PROJECT

Catarina Almeida Marado
Luís Miguel Correia

RESUMO

A par da substancial transformação do conceito de património arquitectónico, os modelos, estratégias e instrumentos que promovem a sua protecção sofreram também significativas alterações ao longo do tempo. Em simultâneo, e de forma inevitável, o contexto vem assumindo um progressivo e preponderante papel na sua salvaguarda e nos critérios que medeiam as intervenções nestes imóveis de valor patrimonial.

As mais recentes cartas ou recomendações referem a importância do contexto – alargado ao conceito de “lugar” – para o significado dos bens imóveis de interesse cultural e, conseqüentemente, a necessidade de desenvolver instrumentos que promovam a sua conservação e gestão.

Este artigo apresenta uma proposta de investigação que pretende reflectir sobre esta temática: *o contexto do património arquitectónico*. O objectivo final deste projecto é constituir uma plataforma crítica, que contribua activamente para a presente necessidade de reflexão sobre as Zonas Especiais de Protecção (ZEP) dos imóveis classificados, em particular sobre a sua delimitação. Este propósito assentará no desenvolvimento de três linhas de investigação: a interpretação das relações territoriais do património edificado, a inventariação e caracterização das zonas especiais de protecção existentes em Portugal e a elaboração de um estudo comparativo das diferentes experiências europeias no âmbito da protecção do contexto dos bens imóveis.

Palavras-chave: “Património arquitectónico”, “Contexto do património arquitectónico”, “Zonas Especiais de Protecção”, “Ordenamento do território”.

ABSTRACT

Alongside the substantial transformation of the concept of architectural heritage, the models, strategies and tools that promote their protection, have also been subject to significant changes over time. Simultaneously, and also in an inevitable way, the settings has been taking a progressive and predominant role in the protection and the criteria that mediate the interventions in the architectural heritage.

The most recent heritage charters and recommendations refer to the importance of settings - extended to the concept of “place” - to the meaning of cultural heritage and therefore the need to develop tools to promote their conservation and management.

This article presents a research proposal that aims to reflect on this theme: *the setting of architectural heritage*. The ultimate goal of this project is to provide a critical platform, to contribute actively to the need for reflection on the Special Protection Zones of classified heritage, particularly on its boundaries. This purpose will be based on developing three main research lines: the interpretation of the territorial relations of the built heritage, the identification and characterization of special protection zones that exist in Portugal and the

comparative study of different European experiences in the protection of settings of cultural heritage.

Keywords: “Architectural heritage”, “Setting of architectural heritage”, “Protection zones”, “Regional and urban planning”.

1. O PATRIMÓNIO ARQUITECTÓNICO E O SEU CONTEXTO

No decorrer do século XX, o conceito de património arquitectónico sofreu importantes reestruturações. Inicialmente encontrava-se centrado apenas em elementos singulares e isolados, e posteriormente alargou-se à sua envolvente e aos conjuntos e sítios. Mais recentemente, assumiu uma dimensão territorial, ambiental, social, e em seguida, uma dimensão intangível. Neste processo, a definição de contexto evoluiu, assumindo no panorama actual um papel decisivo na protecção do património cultural imóvel.

As primeiras cartas patrimoniais – Carta de Atenas (1931) e Carta de Veneza (1964) – esboçam uma primeira preocupação nesta matéria, referindo que o “monumento” é indissociável do meio onde se insere. Os diversos documentos patrimoniais que se lhes seguem ao longo de todo o século XX, desenvolvidos quer no âmbito do International Council on Monuments and Sites (ICOMOS) quer no seio da United Nations Educational Scientific and Cultural Organization (UNESCO), fazem constantemente referência à influência do contexto na interpretação e protecção dos bens imóveis.

Em 2005, os participantes na XV Assembleia Geral do ICOMOS, realizada em Xi’an na China, dedicada ao tema “*Os monumentos e os sítios no seu contexto – conservar o património cultural nas cidades e paisagens em processo de mudança*”, adoptaram a Declaração de Xi’an¹ (ICOMOS, 2005), direccionada especificamente à protecção do contexto do património arquitectónico. Esta declaração define, no seu ponto 1, o contexto de um edifício, conjunto ou sítio patrimonial como “*o espaço envolvente, de natureza reduzida ou extensa, que forma parte ou que contribui para o seu significado e carácter peculiar*”, acrescentando ainda, que para além das componentes físicas e visuais, o contexto supõe uma interacção com os aspectos ambientais, sociais e igualmente, espirituais, ou seja, confere-lhe um carácter intangível. Relativamente à protecção do contexto, este documento recomenda a delimitação de uma zona de protecção que assegure a conservação do significado do contexto².

Recentemente, em 2008, a XVI Assembleia Geral do ICOMOS realizada no Quebec, adopta a “*Declaração sobre a preservação do espírito do lugar (spiritu loci)*”³ (ICOMOS, 2008), que entre outras recomendações refere, no seu ponto 2, da secção “*Repensando o Espírito do Lugar*”, que “*considerando que o espírito do lugar é complexo e multiforme, exigimos que os governos e outros interessados convoquem a perícia de equipas de pesquisa multidisciplinar e especialistas com tradição para melhor compreender, preservar e transmitir este espírito do lugar*”.

Estas duas declarações vêm precisamente ressaltar a urgência em reconhecer a relevância do contexto e do lugar, através do seu carácter tangível e intangível, para o significado dos bens patrimoniais, e, conseqüentemente, a necessidade de desenvolver instrumentos que promovam a sua conservação e gestão.

¹ Declaração sobre a conservação do contexto dos edifícios, conjuntos e sítios do património cultural.

² “A legislação, a regulamentação e as directrizes para a conservação, protecção e gestão de edifícios, sítios e áreas patrimoniais devem prever a delimitação de uma zona de protecção em seu redor que reflecta e contribua para conservar o significado e o carácter diferenciado do seu entorno”. Declaração de Xi’an, ponto 6 (ICOMOS, 2005).

³ Declaração de Quebec.

2. A PROTECÇÃO DO CONTEXTO DO PATRIMÓNIO IMÓVEL EM PORTUGAL

Em Portugal, o significado atribuído à relação existente entre os elementos arquitectónicos e o contexto onde se integram foi reconhecido desde meados do séc. XIX, nomeadamente a partir dos meios literários. Contudo, os instrumentos jurídicos somente revelaram essa atenção nos finais do primeiro quartel do séc. XX, mas, desde logo, numa perspectiva objectual. A interacção entre o “monumento” e o “lugar” traduzia-se na preponderância do imóvel sobre o contexto. A este princípio informavam-se a intervenção e a classificação (leia-se protecção). Neste âmbito, ressalta o papel desempenhado pelo regime político à época no poder, o Estado Novo (1933-1974), que de acordo com a sua ideologia nomeou diversas medidas de salvaguarda sobre o património construído⁴, com o intuito de valorizar, em conjunto, a presença do passado e das suas próprias realizações.

No início do século XX a legislação já previa a salvaguarda da envolvente dos monumentos através da definição de zonas de protecção. No entanto, é principalmente a partir dos anos 30 que, no contexto político do Estado Novo, se concretizam estas medidas de protecção das áreas em torno dos monumentos. Contudo, a determinação e a interpretação destas áreas ficariam intimamente ligadas às intervenções da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN), que se realizaram em fase anterior⁵. De facto, pretendia-se “congelar” uma situação que, de acordo com os princípios ideológicos, mas igualmente, arquitectónicos, visava o isolamento do edifício, consistindo em termos gerais, na “limpeza” do espaço envolvente, removendo construções que confrontavam com as fachadas e “reorganizando o enquadramento físico do monumento” através dos chamados “Planos de Embelezamento” e “Planos de Melhoramentos” (Tomé, 2002).

Na actualidade, os instrumentos de que dispomos para efectuar a protecção dos contextos dos bens culturais imóveis são sensivelmente os mesmos, ou seja, o estabelecimento de zonas de protecção. De acordo com a Lei de Bases do Património Cultural Português⁶, a protecção do enquadramento dos imóveis, conjuntos e sítios classificados, ou em vias de classificação, é feita através da delimitação de zonas de protecção que, em termos legais, são servidões administrativas que atribuem à tutela o controle das intervenções a realizar dentro dos seus limites. Deste modo, cabe à administração central a responsabilidade e a gestão deste legado cultural, pronunciando-se, em termos vinculativos, sobre eventuais alterações da “(...) topografia, os alinhamentos e as cêrceas, e, em geral, a distribuição de volumes e coberturas ou o revestimento exterior dos edifícios”⁷ que se encontram no seu perímetro.

Esta legislação prevê dois tipos de zonas de protecção: a *Zona Geral de Protecção* (ZGP) e a *Zona Especial de Protecção* (ZEP). A primeira – geral e automática – surge em consequência imediata da proposta de classificação do bem e abrange uma área com um raio de 50 m a partir dos limites exteriores do imóvel a proteger. A segunda resulta de um processo legal autónomo e é, pelo contrário, “tecnicamente determinada dependendo de um traçado que resulta de um estudo do conjunto e dos nexos que se verificam existir entre o imóvel classificado e a sua envolvente” (AAVV, 2000, p.82).

Em resumo, as ZGP’s são constituídas por “áreas normalizadas que delimitam parcelas no território, cortadas sempre com o mesmo molde e onde não existe uma efectiva e comprovada relação entre o bem imóvel e o seu espaço envolvente, para além da simples proximidade física” (Marado, 2007, p.352). Ao invés, os limites das ZEP’s são determinados por “contornos definidos a partir de curvas de nível, referências na paisagem (cristas de montes, cumeadas, servidões de vistas, cursos de água, etc.)” (Pereira, 1997, p.40). Estas, apesar de estudadas caso a caso, mantêm

4 A maioria delas ficariam confiadas à Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN), criada em 1929.

5 Neste âmbito, podem-se consultar os diversos processos que constam dos arquivos da antiga DGEMN – hoje no âmbito do Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana (IHRU) - onde é possível relacionar a instituição das ZEP’s com as obras realizadas. Igualmente, o nosso trabalho (Correia, 2008), neste caso particular relativo aos Castelos em Portugal, poderá ser objecto de referência.

6 Lei n.º 107/01 de 8 de Setembro.

7 Ponto 4 do art.º 43º da Lei de Bases do Património Cultural Português.

ainda, em algumas situações, uma relação abstracta com o elemento arquitectónico. Os seus limites encontram-se ajuizados com base numa relação de carácter unilateral e não de inter-relação, isto é, de domínio do objecto sobre o contexto, ou, pelo contrário, por critérios relativos apenas às características físicas do território onde se localiza o imóvel classificado, apresentando em ambos os casos, uma relação pouco coerente com o elemento a preservar. As ZEP's podem ainda referir-se simultaneamente a vários imóveis classificados, e incluir zonas *non aedificandi*, ou seja, áreas onde não é permitida a edificação.

Nos últimos anos, o procedimento mais comum para efectuar a protecção da envolvente dos bens imóveis tem sido efectivamente a delimitação de ZGP's, sendo poucos os imóveis que vêm a sua protecção legal estender-se à instituição de uma ZEP. Entre 1946 (data das primeiras ZEP's) e 1993 (data de publicação do inventário do património arquitectónico e arqueológico classificado em Portugal (Lopes, 1993)) existem em território continental cerca de 240 ZEP's, para além das ZGP's que se encontram associadas à totalidade dos imóveis classificados (como *Monumento Nacional* ou como *Imóvel de Interesse Público*) ou em vias de classificação, que perfazem um total de aproximadamente 4000 imóveis. Em conjunto, estas áreas constituem um efectivo instrumento de gestão territorial.

Muito recentemente, o Decreto-Lei 309/2009⁸ de 23 de Outubro, que regula o procedimento de classificação dos bens culturais imóveis, de estabelecimento de zonas de protecção e de elaboração de planos de pormenor de salvaguarda, vem precisamente reformular em diversas vertentes os instrumentos e a forma de protecção do contexto do património cultural imóvel em Portugal.

Reconhecendo a ineficácia e o constrangimento que a ZGP apresenta – ao definir uma área abstracta com 50 m de raio – este novo instrumento legal prevê a possibilidade de estabelecer uma ZEP a partir do momento de abertura do processo de classificação do bem imóvel. Contudo, esta última apresenta-se com carácter provisório, embora os seus efeitos se prolonguem até à publicação de uma ZEP definitiva.

Por outro lado, este Decreto-Lei vem também reforçar o papel das ZEP's, ao referir que estas têm “*a extensão e impõe as restrições adequadas em função da protecção e valorização do bem imóvel classificado, (...)*”⁹, e que constituem unidades de planeamento autónomas, cujo conteúdo deve incluir a definição de zonamentos e respectivas restrições no que se refere às intervenções. Tornando-as deste modo, num instrumento de gestão territorial capaz de promover a muito necessária compatibilização entre a protecção do património cultural e o ordenamento do território.

As rápidas e importantes transformações que hoje ocorrem no território, decorrentes não só dos processos de crescimento urbano em favor das franjas periféricas, mas também dos recentes fenómenos de declínio das cidades que, em ambos os casos, produzem significativas alterações nas áreas envolventes dos bens culturais imóveis¹⁰, tornam, cada vez mais, a salvaguarda destas “zonas patrimoniais” uma necessidade urgente.

Porém, verifica-se que os instrumentos de que actualmente dispomos para efectuar essa gestão não se afiguram adequados. De facto as zonas de protecção previstas na legislação em vigor, sejam elas de índole geral ou especial, como forma de assegurar a preservação dos contextos do património edificado não são eficazes. Esta circunstância sucede por razões diversas, mas principalmente, porque a grande maioria destas áreas foram determinadas por uma visão objectual do património, como elementos estáticos destinados a “congelar” determinada realidade histórica, arquitectónica e política. Em síntese, não consideram as relações do elemento patrimonial com o espaço envolvente, as transformações que nele ocorreram e a possibilidade ou necessidades de intervenção.

⁸ Este decreto entrará em vigor a partir de Janeiro de 2010.

⁹ Artigo n.º 43 do Decreto-Lei 309/2009, de 23 de Outubro.

¹⁰ Ver Marado, 2007 e 2008.

Assim, torna-se urgente reflectir sobre esta problemática, procurando compreender o que se entende actualmente por “contexto” dos bens imóveis, isto é, qual o espaço físico com que determinado elemento edificado se relaciona e quais as suas consequências na leitura a uma escala territorial. Em âmbito mais restrito, este problema reveste-se de maior importância quando confrontado com o modelo de protecção dos contextos do património construído em Portugal (especificamente das ZEP’s), comparado com as práticas realizadas noutros países no contexto europeu. A actualidade deste tema encontra a sua pertinência nas recentes alterações do quadro de atribuições, em particular, com a extinção da DGEMN e a criação do Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico, I. P. (IGESPAR, I. P.)¹¹ e nas exigências daí decorrentes.

3. UMA PROPOSTA DE INVESTIGAÇÃO SOBRE A PROTECÇÃO DO CONTEXTO DO PATRIMÓNIO ARQUITECTÓNICO

Perante as actuais circunstâncias de salvaguarda do património arquitectónico, do qual o contexto é parte integrante, devem colocar-se algumas questões. Em primeiro lugar, numa perspectiva teórica e conceptual: O que é o contexto? Como podemos documentá-lo e interpretá-lo? Quais são as relações, tangíveis e intangíveis, que as estruturas construídas mantêm com o território? Como podemos identificá-las? Em segundo lugar, e numa perspectiva mais directa de avaliação dos instrumentos de protecção: Que papel desempenharam as ZEP’s na protecção deste conjunto? Que papel devem desempenhar hoje? Com que critérios devemos proceder à sua delimitação e gestão?

Procurando responder a estas questões, a proposta de investigação que apresentamos pretende ser um meio de compreensão e avaliação das relações que o património arquitectónico hoje estabelece com o seu contexto. Num âmbito mais alargado, tem como objectivo constituir informação determinante que contribua para a premente necessidade de revisão das ZEP’s dos imóveis classificados, quer do ponto de vista da sua delimitação quer igualmente da sua gestão, sob as actuais circunstâncias que enformam o território português. Neste sentido, ambiciona-se que esta investigação possibilite, numa fase posterior, e em colaboração com o IGESPAR e com as diversas Direcções Regionais de Cultura -através da eleição de um conjunto de casos específicos a eleger segundo critérios inequívocos – a apresentação de propostas de novas ZEP’s e/ou a reformulação de outras existentes.

Este será o desafio deste projecto de investigação, a partir do qual estruturaremos a metodologia de pesquisa que, de acordo com os pressupostos que estão na sua base, nos conduzirá aos resultados esperados.

Considerando este enquadramento do tema, a sua pertinência e os objectivos propostos, a investigação será desenvolvida a partir de três linhas de investigação.

A primeira refere-se à interpretação das relações, tangíveis e intangíveis, do património arquitectónico com o seu contexto, e contribuirá para o reconhecimento da importância do contexto na leitura do significado cultural dos bens imóveis, e de uma forma muito concreta, para a delimitação das ZEP’s.

A segunda pretende a inventariação e caracterização dos instrumentos de protecção do património arquitectónico em Portugal, e visa criar um conhecimento histórico e territorial sobre a sua constituição, a sua evolução no espaço e o seu posicionamento face à actual situação, nomeadamente, como instrumento de gestão eficaz da relação entre objecto-contexto ou paisagem-território. O espaço central de estudo serão as ZEP’s.

¹¹ O IGESPAR, I.P. resultou da fusão do Instituto Português do Património Arquitectónico (IPPAR) e do Instituto Português de Arqueologia (IPA) e da incorporação de parte das atribuições da DGEMN.

E a terceira corresponde à realização de um estudo comparativo das diferentes realidades europeias no que se refere aos procedimentos de protecção dos contextos dos bens imóveis. Procurar-se-á efectuar uma comparação entre as diferentes estratégias e experiências de protecção das áreas envolventes do património edificado no âmbito europeu, com o objectivo de encontrar pontos convergentes que possam servir de referência ao panorama português.

3.1. Interpretação das relações territoriais do património arquitectónico

Grande parte dos estudos sobre o património arquitectónico tendem, por norma, a ignorar as questões territoriais. As relações existentes entre o património construído e o seu contexto não têm sido alvo de um verdadeiro interesse por parte da comunidade científica, fruto da persistência, em alguns casos, de uma visão dos bens culturais imóveis ainda como “objectos isolados”.

Os trabalhos de investigação sobre as diferentes tipologias arquitectónicas – em particular, sobre a arquitectura monástico-conventual – centram-se unicamente numa leitura historico-artística deste património. Abrangem apenas o seu período de vida activa e ignoram totalmente as suas importantes relações territoriais, tanto as antigas (que surgem, por exemplo, dos critérios e condicionantes da localização e implantação destes elementos), como as actuais (que decorrem da forma como no presente entendemos e gerimos estes imóveis e o próprio território).

Porém, a compreensão destas relações é fundamental para o entendimento global do significado de cada bem patrimonial, sendo também um dos aspectos essenciais a considerar na sua protecção. Neste sentido, esta linha de investigação dedica-se essencialmente à identificação, compreensão e interpretação das conexões territoriais dos bens culturais imóveis.

Partindo de um entendimento dos “objectos arquitectónicos” como organismos territoriais¹², este trabalho procurará contribuir para a afirmação da importância das relações existentes entre “edifício” e “lugar” no significado cultural dos bens imóveis e, conseqüentemente, na sua protecção. Como objectivo específico, este estudo pretende identificar a natureza das relações, tangíveis e intangíveis, que cada uma das tipologias do património imóvel mantém com o seu espaço envolvente, não só as que advêm das suas características específicas e do seu percurso histórico, mas também, as subjacentes às suas condições actuais e necessidades futuras. A metodologia de trabalho proposta assenta em três momentos. Para uma primeira fase prevê-se a recolha, tratamento e análise de informação referente a diferentes categorias tipológicas do património arquitectónico – nomeadamente a arquitectura militar, a arquitectura religiosa (incluindo dois tipos: igrejas e edifícios monástico-conventuais) e a arquitectura civil (essencialmente os palácios) – através da consulta de bibliografia específica sobre cada uma delas. Em seguida, far-se-á uma selecção dos casos de estudo dentro de cada tipologia em análise, em função do carácter da sua localização – rural, urbano e periurbano – com o intuito de identificar das suas relações territoriais. Finalmente, através da síntese das conexões territoriais características de cada grupo tipológico proceder-se-á ao reconhecimento da natureza das relações territoriais do património arquitectónico.

Como resultado final, espera-se conseguir caracterizar a natureza das relações tangíveis e intangíveis do património arquitectónico com o seu contexto cultural, físico, visual e imaterial.

¹² Ver Marado, 2007.

3.2. Inventariação e caracterização das Zonas Especiais de Protecção em Portugal

Como referimos antes, pode-se afirmar que a imagem do património arquitectónico e do território em Portugal advém directamente de um período concreto - o Estado Novo. A propósito das intervenções nos “monumentos nacionais” durante este período, em concreto nos castelos: *“A vontade de resgatar uma identidade nacional levou à construção de novos monumentos, réplicas de algo que alguma vez foram, ou porventura deversem ter sido. A campanha consumada foi, mau grado naturais críticas, sem dúvida eficaz, ao reanimar imóveis moribundos, em avançado estado de ruína e degradação, veros testemunhos de abandono. Fruto da escala das intervenções, reconfiguraram-se, igualmente, espaços envolventes dos castelos. Na globalidade, a presença no território traduziu-se em “novas” paisagens, fossem elas de carácter urbano ou rural. O resultado revela ainda uma outra serventia: ser ponto de partida e força catalisadora como referência indispensável para o confronto de ideias. Quando hoje se intervém constata-se a sua presença, a sua transformação: uma identidade”* (Correia, 2008, p.319). Fruto desta realidade, a investigação em Portugal tem encontrado a sua especificidade neste espaço temporal e nas consequências teóricas e práticas desta campanha – “antes”, “durante” e “depois”. O cruzamento entre várias disciplinas tem contribuído para uma compreensão do estado actual da paisagem territorial de Portugal. Igualmente, a relação que se estabelece entre o património arquitectónico e o seu contexto advém desta existência, sendo que uma das suas manifestações mais destacadas são as ZGP’s e as ZEP’s.

Como propósito desta linha de investigação ambiciona-se, à luz dos princípios ideológicos e dos processos metodológicos e políticos dos vários regimes instituídos no século XX em Portugal – em concreto, o Estado Novo, identificar dois aspectos primordiais: primeiro, como se processou a continuidade da reflexão sobre determinados assuntos, antes e depois do Estado Novo, quais sejam a confiança na autenticidade que se espelha na forma de estruturação e ocupação do território, com seus monumentos e aglomerados populacionais, e o modo de viver de suas gentes, com seus hábitos, crenças e formas projectadas de organização; segundo, como tais princípios, via os instrumentos dos regimes políticos, tiveram reflexo e consequência práticos na imagem dos monumentos nacionais e das respectivas envolventes e, sobretudo, como se reconheceu no campo do projecto e da obra a ascendência atribuída ao carácter objectual sobre o contexto, rural ou urbano.

Esta abordagem pretende elaborar não só uma retrospectiva da relação entre os monumentos e os seus contextos, no sentido de descortinar procedimentos comuns às intervenções realizadas, nomeadamente, durante o período do Estado Novo, mas, igualmente, averiguar circunstâncias que enformaram a constituição das ZEP’s, em particular: como foram eleitos os monumentos a delimitar; como se desenharam os limites das áreas implementadas (ZEP’s e zonas *non aedificandi*); que relação existiu entre as intervenções realizadas e as classificações atribuídas; em que medida estas zonas estiveram relacionadas com uma ideia de “paisagem” e “território”.

A abordagem será suportada a partir dos casos de estudo recolhidos de fontes arquivísticas e bibliográficas. Serão estabelecidos cruzamentos disciplinares com outras áreas que se considerem relevantes no contexto das transformações operadas no património construído em Portugal durante este período. A metodologia base assentará em dois momentos: pesquisa e recolha de informação; organização e tratamento da documentação entretanto recolhida, através da sistematização da informação em fichas, quadros, gráficos e mapas.

Espera-se concluir que, hoje, a imagem dos monumentos nacionais e do seu contexto representa uma consequência directa da actividade levada a cabo, principalmente, durante o regime do Estado Novo e que as ZEP’s, em associação com as intervenções realizadas, constituem uma das peças decisivas dessa representação. Espera-se registar que, em face

das circunstâncias actuais, este instrumento territorial se encontra, em muitos casos, desadequado.

3.3. Estudo comparativo das experiências europeias

Em sequência das anteriores fases desta investigação, esta linha tem como objectivo o conhecimento dos diferentes modelos e métodos de protecção dos bens imóveis e respectivos contextos em vários países europeus, criando-se para o efeito uma base de dados de conhecimento das diferentes realidades estudadas que sirva de referência às circunstâncias nacionais, que num trabalho futuro possam conduzir à elaboração de uma proposta metodológica de delimitação e gestão das ZEP's.

Este estudo será efectuado através da análise de bibliografia sobre tema da “conservação e restauro do património histórico”, especificamente no que se refere à protecção dos contextos do património arquitectónico, estendendo-se desde as propostas de Camillo Sitte e Gustavo Giovannoni até à análise das diferentes cartas e recomendações patrimoniais, da Carta de Atenas (1931) às recentes Declaração de Xi'an (2005) e Quebec (2008). Neste contexto, entre outros, revelam-se de extrema importância os trabalhos realizados por Castillo Ruiz (1997 e 2003).

O estudo comparativo das actuais práticas de protecção do contexto do património edificado (e das teorias que lhes estão subjacentes) a nível europeu incidirá mais especificamente sobre cinco países europeus: Portugal, Espanha, França, Itália e Inglaterra. Com base em bibliografia específica sobre cada país, serão analisados para cada um deles os aspectos referentes à evolução histórica do tratamento do contexto dos bens, à legislação vigente, e também, aos aspectos da sua aplicação prática, onde as informações relativas a Portugal serão fornecidas pelas linhas de investigação descritas nos pontos anteriores.

A metodologia de trabalho proposta assenta na pesquisa e na recolha de informação, através do contacto com as instituições que tutelam o património cultural nesses países, essencialmente, no sentido da recolha de documentação sobre os critérios gerais e os procedimentos legais, mas, também, procurando identificar quais as dificuldades da sua implementação prática e do seu nível de eficácia. Seguindo-se a organização e tratamento da informação recolhida, através da preparação de fichas e quadros de análise dos procedimentos de protecção do contexto dos bens imóveis nos cinco países em estudo. Conclui-se com a elaboração de um quadro síntese comparativo dos diferentes países e a sistematização de conclusões.

Espera-se com este trabalho a definição de um novo quadro de referência para Portugal que, em simultâneo, seja sensível à reflexão internacional sobre os conceitos e estratégias de salvaguarda, que incorporam as relações entre o património construído e o seu lugar, e aos diversos instrumentos políticos de gestão do território em Portugal, designadamente, as exigências estabelecidas pela presente Lei Quadro do Património e pelo no Decreto-Lei 309/2009.

4. NOTAS FINAIS

Em síntese, este projecto procura lançar uma plataforma de discussão e reflexão sobre a delimitação e gestão das áreas de protecção do património edificado, enquadrando o seu estudo no panorama de referência nacional e internacional. O contributo desta proposta para a evolução do estado da arte assenta na documentação inventariada por cada uma das suas linhas de investigação nos seus temas específicos, que, em conjunto, será sistematizada numa

base de dados comum constituindo-se como um instrumento de informação, divulgação e conhecimento.

Pretende-se, igualmente, que este trabalho possa auxiliar a produção de um modelo de leitura e interpretação do contexto dos bens imóveis de valor cultural – experimentado em casos específicos – que contribua a curto/médio prazo para uma avaliação crítica dos modelos de concepção e gestão das ZEP's e do território em geral, no actual enquadramento político, social, económico e cultural, desembaraçando-se, nomeadamente, de algum imobilismo dos presentes zonamentos de protecção.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AA.VV. (2000). *Património [2000-2006]. Balanço e Perspectivas*. IPPAR. Lisboa.
- Castillo Ruiz, J. (1997). *El entorno de los bienes inmuebles de interés cultural. Concepto, legislación y metodologías para su delimitación. Evolución histórica y situación actual*. Universidad de Granada, Instituto Andaluz de Patrimonio Histórico. Granada.
- Castillo Ruiz, J. (2003). La protección del patrimonio inmueble en la normativa internacional: la contextualización como máxima tutelar. Em Instituto Andaluz de Patrimonio Histórico (eds.), *Repertorio de textos internacionales del Patrimonio Cultural*. Comares, Instituto Andaluz de Patrimonio Histórico. Granada.
- Correia, L.M. (2008). Castelos em Portugal. Retrato do seu perfil arquitectónico [1509-1949]. Coimbra: Master. Departamento de Engenharia Civil, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade de Coimbra. 358pp.
- ICOMOS (2005). *Declaração sobre a conservação do contexto dos edifícios, conjuntos e sítios do património cultural*. Acedido em 22 de Dezembro de 2009, no Web site do ICOMOS: <http://www.international.icomos.org/xian2005/xian-declaration-sp.htm>.
- ICOMOS (2008). *Declaração sobre a preservação do espírito do lugar (spiritu loci)*. Acedido em 22 de Dezembro de 2009, no Web site do ICOMOS: <http://www.international.icomos.org/home.htm>.
- Lopes, F. (1993). *Património Arquitectónico e Arqueológico Classificado: Inventário*. Instituto Português do Património Arquitectónico, Lisboa.
- Marado, C.A. (2007). *Patrimonio conventual y periferia. La salvaguardia de los antiguos espacios conventuales del Algarve*. Ph.D. Thesis. Departamento de Urbanística y Ordenación del Territorio, ETSArquitectura. Universidade de Sevilha. 461 pp (vol.1).
- Marado, C.A. (2008). A propósito da “envolvente” do património construído: o caso do antigo convento capucho de Loulé. *Revista do Arquivo Histórico Municipal de Loulé – Al'ulyã*, 12: 131-141.
- Pereira, P. (coord.) (1997). *Intervenções no Património 1995-2000. Nova Política*. IPPAR. Lisboa.
- Tomé, M. (2002). *Património e Restauro em Portugal (1920-1995)*, FAUP Publicações. Porto.